

QUESTÕES RACIAIS NO CEAPIA: UM CONVITE A OLHAR PARA DENTRO DA INSTITUIÇÃO

Racial issues at CEAPIA: proposing an institutional self-reflection

LUCIANE ROMBALDI DAVID¹
HELENA DA SILVEIRA RITER²
ANA PAULA TIMM KROLOW³
BETINA STRASSBURGER⁴
CARLOS EDUARDO LOUREIRO XAVIER⁵
LUÍSA FEIJÓ PINHEIRO MELLO⁶
ROBERTA IANKILEVICH GOLBERT⁷

RESUMO: O presente trabalho se propôs a relatar a trajetória da Comissão de Pesquisa do CEAPIA (gestão 2022-2023), partindo de uma pesquisa sobre questões raciais e suas repercussões dentro da instituição. Tal pesquisa abarcou um levantamento com os membros e uma investigação documental nos âmbitos do Ensino e do Atendimento. Os resultados apontaram para um apagamento das questões raciais nos diversos níveis da instituição e levaram à implementação de ações com o objetivo de alterar essa realidade. A partir dos resultados e de vinhetas clínicas, propomos uma reflexão inicial utilizando também recortes teóricos. Acredita-se que esse escrito possa servir de registro dessas construções, assim como promover reflexões dentro e fora da instituição.

¹ Psicóloga. Psicanalista (Centro de Estudos, Atendimento e Pesquisa da Infância e da Adolescência – CEAPIA). Mestra em Psicanálise: Clínica e Cultura (UFRGS). E-mail: luciane.rdavid@gmail.com.

² Psicóloga (Centro de Estudos, Atendimento e Pesquisa da Infância e da Adolescência – CEAPIA). Mestre em Psicologia (UFRGS). E-mail: helenariter@gmail.com.

³ Psicóloga. Mestre em Sociologia (UFPEL). Aluna do Curso de Psicoterapia da Infância e da Adolescência (CEAPIA). E-mail: anapaulatkrolow@gmail.com.

⁴ Psicóloga. Aluna do Curso de Psicoterapia da Infância e da Adolescência (CEAPIA). E-mail: betinacapobianco@hotmail.com

⁵ Estudante de Psicologia (Centro de Estudos, Atendimento e Pesquisa da Infância e da Adolescência – CEAPIA). E-mail: carloseduardo.lx@hotmail.com.

⁶ Psicóloga (Centro de Estudos, Atendimento e Pesquisa da Infância e da Adolescência – CEAPIA). E-mail: luisamello.psico@gmail.com.

⁷ Psicóloga (Centro de Estudos, Atendimento e Pesquisa da Infância e da Adolescência – CEAPIA). E-mail: roberta.golbert@gmail.com.

PALAVRAS-CHAVE: Raça. Racismo. Instituição Psicanalítica. Psicoterapia. Infância e Adolescência

ABSTRACT: This work aims at reporting the path taken by the CEAPIA Research Committee (2022-2023), having as its starting point the research on racial issues and their repercussions within the institution. Such research comprised a survey with the members of the institution and a documental investigation in the areas of Education and Care. The results pointed to the erasure of racial issues at several levels of the institution and led to the implementation of actions toward the objective of changing this reality. From the results and clinical vignettes, we propose an initial reflection also making use of theoretical excerpts. We believe this study can work as a register of these constructions and foster reflections inside and outside the institution as well.

KEYWORDS: Race. Racism. Psychoanalytical Institution. Psychotherapy. Childhood and Adolescence.

Enquanto Direção e Comissão de Pesquisa do CEAPIA (gestão 2022-2023), propusemo-nos a iniciar um estudo sobre questões raciais e suas repercussões dentro da nossa instituição. Primeiramente, conduzimos uma pesquisa em que buscamos investigar a presença/ausência da temática racial em diversos âmbitos. Diretamente com os membros do CEAPIA, realizamos um questionário, do qual participaram 76 terapeutas, por meio do qual investigamos a experiência clínica e de estudo dos profissionais no que tange às questões raciais. No que diz respeito ao Ensino, foi feito um levantamento da bibliografia do curso de formação quanto aos autores e aos temas, por meio de palavras-chave como “raça”, “racismo”, “negritude”, “branquitude”. Ainda, quanto ao Ambulatório, foram analisadas as fichas de triagem e de contato inicial ao longo da história do CEAPIA, verificando se constavam dados relacionados à raça dos pacientes e dos familiares.

Quanto ao questionário, entre os principais achados, encontramos que 84% dos participantes vivenciaram situações na clínica em que a temática racial apareceu no material dos pacientes. Perguntamos se os profissionais se percebiam instrumentalizados teórica e tecnicamente na escuta das questões de raça, e 66,7% afirmaram que não, assim como quase todos (96,1%) referiram sentir falta de obter mais conhecimento sobre a temática. Além disso, 93% percebeu mudanças na prática clínica quando se propôs a estudar questões raciais. Ao serem questionados de forma aberta quanto a essas mudanças, surgiram temas como a ampliação da escuta, com maior atenção para as questões raciais, e também maior compreensão da interferência de aspectos sociais nas experiências dos pacientes.

Da mesma forma, questionamos sobre a possibilidade de discussão do tema dentro da instituição, e 68,4% dos participantes afirmaram que já discutiram questões de raça no CEAPIA. Os respondentes identificaram alguns espaços de discussão dentro da instituição, como: Aula Inaugural do ano de 2020 com Ignácio Paim, intitulada “Aguçando Sensibilidades: a atemporalidade radical do racismo” (46%); Supervisão Clínica e Preceptoria (47%), além dos diversos setores presentes na instituição (27%). Pode-se perceber que o assunto tende a aparecer

em espaços de discussão clínica, emergindo a partir de casos atendidos e da necessidade dos terapeutas em situações que já estão se apresentando. Isto é, fica circunscrito a esses momentos, sem poder aparecer em espaços de estudo teórico, *a priori*, tais como seminários teóricos (21%) e grupos de estudo (12%).

Em relação à bibliografia, percebemos que a diversidade racial não estava contemplada entre os autores, assim como a temática da raça não estava incluída em nenhum material de estudo do curso do CEAPIA. Quanto às fichas do ambulatório, a de contato inicial é preenchida pelos familiares e conta com diversos dados sociodemográficos, enquanto a de triagem é preenchida pela equipe triadora e também conta com informações sobre o paciente e sua família. Ao longo da existência da instituição, as fichas foram modificadas diversas vezes, considerando demandas da época e da clínica. Na análise dessas fichas, encontramos que em 1983 havia o questionamento quanto à raça dos pacientes, porém tratava-se de uma ficha de diagnóstico inicial, preenchida pelo profissional responsável. Nas fichas atuais não foram encontradas informações quanto à raça dos pacientes, ainda que constem diversos outros dados sociodemográficos, como renda, religião, sexo, escolaridade.

De modo geral, fica nítida uma falta institucional em diversos âmbitos do CEAPIA. Isso evidencia a ausência de um olhar para raça e racismo, que parece estar associada ao contexto social brasileiro de apagamento da raça, que inclui a abjeção das pessoas negras e a compreensão do branco enquanto sujeito universal e desracializado.

Nesse sentido, percebemos serem necessárias ações de *letramento racial* com o objetivo de uma maior implicação com a temática em vários níveis da instituição. Esse conceito foi formulado pela antropóloga afro-americana France Winddance Twine (2006) e traduzido pela psicóloga e pesquisadora Lia Vainer Schucman (2012). O letramento pode ser compreendido como a reeducação de cada um a partir de uma perspectiva antirracista, uma forma de responder às tensões raciais para além das ações coletivas, como, por exemplo, ações afirmativas ou reparatórias e políticas públicas. É a inserção em uma cultura letrada sobre raça que leva em conta, além da apropriação teórica, a dimensão das vivências, interações sociais e do contexto cultural em que está inserido cada sujeito.

Diante disso, algumas ações já puderam ser realizadas. Entre elas, a apresentação dos resultados da pesquisa institucional em um evento interno, intitulado *Questões raciais no CEAPIA: um convite a olhar para dentro da instituição*, no qual também foram apresentadas outras propostas de ações a serem viabilizadas pelo CEAPIA e pensadas em conjunto com os membros.

A reação dos membros da instituição que estavam assistindo ao evento após a apresentação dos dados da pesquisa realizada nos mostra, mais uma vez, o quão delicadas são essas questões e a dificuldade de nos depararmos com elas. Quando foi aberto um espaço para que o público pudesse se colocar sobre o que havia sido exposto, primeiramente houve um silêncio. Pensamos que esse silêncio nos diz sobre o incômodo que gera começarmos a olhar para

aquilo que não costuma ser visto e nomeado. Assim que as pessoas começaram a falar, apareceram relatos de sentimentos de vergonha por não terem percebido antes o quanto as questões raciais vinham sendo deixadas de lado dentro da instituição e também em sua clínica. Pensamos que, nesses momentos, há o duro impasse de nos depararmos com o nosso próprio narcisismo e com o narcisismo institucional: como não nos demos conta disso antes? Como não olhamos para isso antes? Como não fizemos nada? Somos racistas? Há racismo dentro da nossa instituição? Essas questões possivelmente nos ocorrem junto a um receio das respostas para elas.

A partir dessa abertura para o olhar sobre as questões raciais dentro da instituição, o primeiro movimento concreto realizado foi a inclusão da autodeclaração racial na ficha de contato inicial que os pacientes preenchem ao entrar no ambulatório do CEAPIA. Além disso, teve início em 2023 o seminário *Raça e psicanálise*, ministrado pelo psicanalista Augusto Paim, no currículo do 3º ano do Curso de Formação. Já nos seminários de estágio de 2023, foi incluída uma discussão a respeito do tema, conduzida pela comissão de pesquisa. Para o currículo do Curso de Formação de 2024, a comissão de currículo, junto à comissão de ensino, propuseram-se a elencar e incluir em seminários diversos textos que abordem a temática racial, assim como produções de psicanalistas negros e negras.

Refletindo acerca do que foi observado, tanto na pesquisa realizada quanto no evento de sua apresentação para a instituição, os objetivos deste trabalho são relatar a experiência deste percorrido até aqui, para que permaneça como um registro destas ações, e trazer algumas vinhetas de situações clínicas que explicitam a presença de questões raciais na escuta analítica. Nesse sentido, ao discutir e articular as vinhetas com as questões advindas da pesquisa, buscamos fazer pensar a nossa implicação enquanto terapeutas brancos em uma instituição majoritariamente branca.

Vinheta 1

Em um ambiente de supervisão coletiva, uma colega questiona sobre os materiais a serem colocados na caixa terapêutica de uma paciente negra, em especial a respeito da família terapêutica: seria mais adequado colocar uma família negra? É possível perceber certa dúvida nas supervisoras, como se essa nunca tivesse sido uma questão. Uma delas responde que entende que o que importa é o símbolo e que, pensando desse modo, a raça da família terapêutica não teria relevância. Ao final da discussão, entende-se que é importante que a paciente se sinta representada nos materiais da caixa terapêutica e a terapeuta opta por colocar uma família negra na caixa.

A partir dessa vinheta, podemos refletir acerca do que aponta a psicanalista Isildinha Baptista Nogueira (2017) quando refere que o ser branco represen-

ta culturalmente uma condição genérica, isto é, “o elemento não marcado, o neutro da humanidade” (p. 123). A questão apresentada na vinheta evidencia o entendimento do simbólico da raça branca como universal, a família terapêutica branca tomada como uma tela em branco onde tudo pode ser projetado, desraciando a branquitude. Por que uma família terapêutica branca para todos os pacientes? Será que costumamos pensar em disponibilizar uma família terapêutica negra para um paciente que possui uma família branca?

Vinheta 2

Após um tempo de atendimento de uma paciente criança, pela primeira vez a terapeuta menciona, em supervisão, o fato de a paciente e seu pai serem negros. Isso nunca havia aparecido na fala dos pais nem da paciente, mas também não tinha aparecido na mente da terapeuta. Não havia ocorrido à terapeuta pensar sobre a raça da paciente e de sua família até este momento, meses após o início do tratamento.

Na primeira sessão dessa paciente, ela olhou para a família terapêutica (branca) e disse que não queria colocar na caixa dela, porque tinha medo deles. A terapeuta não havia pensado em colocar uma família terapêutica negra e somente ao iniciar um estudo sobre a temática racial se dá conta do material desracializado disponibilizado à paciente, além de refletir sobre a fala da paciente na primeira sessão, que poderia estar atravessada por questões raciais.

Essa vinheta conversa com o que apareceu no nosso questionário, quando respondido pelos terapeutas que, após o estudo da temática racial, perceberam modificações em sua prática, ampliando sua escuta. A partir da fala dessa paciente, diversas interpretações são possíveis, algumas delas pelo viés da raça, mas somente se o terapeuta estiver consciente de tais atravessamentos. A vinheta reforça a importância do letramento e faz pensar na necessidade de instituições que formam terapeutas oferecerem esse tipo de estudo, a fim de que possam considerar, para além do intrapsíquico, os elementos extradiscursivos. Questionamo-nos quantas vezes situações como essa podem ter acontecido na nossa clínica e não nos demos conta.

Vinheta 3

Em uma triagem no espelho, um paciente adolescente e seus pais, negros, referem diversos sintomas associados à autoestima, assim como ideação suicida e sinais importantes de isolamento social. O paciente estuda em uma escola particular, sobre a qual pode se inferir que a maioria dos alunos são brancos. Uma profissional da equipe pensa nos possíveis efeitos do racismo sobre esse

paciente, sobre sua construção de identidade e seu processo adolescente como um todo. Contudo, questiona-se se deveria trazer esse assunto para o grupo de discussão após a triagem, por não se sentir suficientemente apropriada da temática e por ter receio de como essas ideias seriam recebidas. Na discussão a respeito do caso, fala-se sobre aspectos das construções de si na adolescência e sobre esses sinais de desvalia apresentados pelo paciente, mas a raça não foi mencionada como um aspecto que poderia estar atravessando esses processos.

O silêncio da equipe de trabalho ilustra, mais uma vez, o apagamento da raça nas discussões clínicas. Talvez não fosse uma questão deste caso, mas nem se chegou a pensar nessa possibilidade. Além disso, cabe a reflexão de que a profissional referida, apesar de ter percebido o tema racial que poderia estar atravessado ali, também não se sentiu à vontade de compartilhar com o grupo e não nomeou tal atravessamento. Isso se deveria a um medo de projetar preconceitos e de ser percebida como racista pelo grupo? Teriam outros colegas sentido e/ou pensado o mesmo?

Pensando nas possíveis demandas do paciente da vinheta 3, torna-se necessário levar em consideração a raça e o lugar em que é colocado enquanto jovem negro na sociedade, assim como os efeitos na sua autoestima e na construção da sua identidade. Maria Aparecida Silva Bento (2014) discute o fato de o branqueamento ser inventado e mantido pelos brancos da elite, considerando seu grupo como o padrão da espécie.

A autora cita alguns dos reflexos que tamanha autoestima e supremacia branca trazem para a percepção do que é ser negro: “um imaginário extremamente negativo sobre o negro, que solapa sua identidade racial, danifica sua auto-estima, culpa-o pela discriminação que sofre e, por fim, justifica as desigualdades raciais” (Bento, 2014, p. 6). Isso pode estar relacionado à dificuldade de nomear o paciente da vinheta enquanto racializado, assim como de se perceber nesse lugar.

Escutar de forma sensível um paciente em sua chegada é tarefa essencial de um psicoterapeuta. Entender o quanto a história da sociedade e os aspectos ligados à raça se fazem presentes na vida desse paciente também é parte dessa escuta e deveriam estar presentes na prática clínica dos terapeutas. Nesse sentido, cabe expor alguns pensamentos do psicanalista Frantz Fanon (1952/2020), o qual teorizou a respeito dos efeitos da cultura na sociogênese do sofrimento mental. Segundo o autor, é fundamental considerar “fatores externos” ao se pensar sobre isso. Para ele, esses fatores não têm origem orgânica ou psíquica, mas sim se referem a aspectos antropológicos, relacionam-se a dimensões institucionais, sociais e culturais. Sendo assim, propõe a existência de um inconsciente coletivo que, diferente do pensado por Jung, advém da cultura e é adquirido a partir de determinadas condições e grupos sociais. É então a partir de normas culturais que, para o autor, estrutura-se esse inconsciente e uma série de processos quanto ao modo de ver (e de se ver) o negro e o branco. Desse

modo, reforça-se a necessidade de escutar esse inconsciente e de estar atendo às questões que dizem respeito à raça, seja com pacientes negros, seja com pacientes brancos.

Considerações finais

A partir do resultado da pesquisa realizada, em que constatamos um apagamento das questões raciais na Instituição em diversos níveis, o que não é um fenômeno exclusivo do CEAPIA, as ações descritas no relato representam uma abertura incipiente para a temática. Entendemos que é um processo que necessita de engajamento contínuo e comprometido de cada membro do CEAPIA, principalmente por se tratar de uma instituição majoritariamente branca, conforme os dados da pesquisa.

Acreditamos que nos propormos a isso é imprescindível para abarcarmos a escuta do racismo, da negritude e da branquitude, para que assim seja possível nos racializarmos, nos depararmos com nossos próprios privilégios e nos implicarmos como terapeutas e como cidadãos. A Comissão de Pesquisa inaugurou em 2022 esta possibilidade de olhar dentro do CEAPIA e, com intuito de garantir um trabalho institucional permanente, em 2023, viabilizou a formação de uma Comissão de Questões Raciais com o objetivo de estudo e implementação de ações afirmativas.

Ao longo deste trabalho, tivemos o intuito de trazer alguns exemplos clínicos para evidenciar como a temática aparece no cotidiano da profissão. Nas vinhetas apareceram situações como: a família terapêutica branca como uma tela em branco, a invisibilização da raça do paciente e dos possíveis efeitos do racismo, o receio de fazer circular as questões raciais enquanto equipe de trabalho e o que pode vir a ser revelado com isso.

Grada Kilomba (2019) teoriza sobre o silêncio dos sujeitos brancos acerca de questões raciais, e para tal, parte das conceituações de Sigmund Freud (1923-1925/1996) sobre os mecanismos de defesa do ego, somando-se às ideias de Paul Gilroy (1987) sobre os mecanismos de defesa do ego do sujeito branco no que tange a deparar-se com sua branquitude e seu racismo. Estes são: negação, culpa, vergonha, reconhecimento e reparação. Em nossa instituição, estamos nos movimentando para sair da negação, depararmo-nos com o que não está, com a nossa falta diante das questões raciais e a perpetuação do racismo institucional. O próximo passo seria a culpa, na qual o sujeito está “preocupado com as consequências de sua própria infração” (Kilomba, 2019, p. 44), com o que fez de errado, com seu racismo e a negação dessas questões. Em seguida surge a vergonha, “quando o indivíduo falha em atingir um ideal de comportamento estabelecido por si mesmo” (Kilomba, 2019, p. 45). Consideramos que estamos em movimento, atravessando cada estágio, talvez de forma um tanto irregular, com regressões e retornos.

Podemos refletir sobre o aparecimento da negação no silêncio sobre questões raciais presentes no CEAPIA até pouquíssimo tempo atrás. O surgimento da culpa que transparece quando nos deparamos com os dados da pesquisa dentro da instituição e as reações de assunção de vergonha nas falas quando é proposto que a palavra circule, por exemplo. Ao relatarmos algumas modificações já realizadas no CEAPIA, como a inclusão de autodeclaração na ficha de contato inicial e o seminário obrigatório sobre raça e psicanálise, podemos inferir que nos movimentamos para alcançar o reconhecimento, reconhecer que estamos em falta quanto às questões raciais, racializarmo-nos e fazermos algo com os furos e racismos institucionais. O próximo passo possível indica que, na melhor das hipóteses, possamos ascender à reparação, “reparar o mal causado pelo racismo através da mudança de estruturas, agendas, espaços, posições, dinâmicas, relações subjetivas, vocabulário, ou seja, através do abandono de privilégios” (Kilomba, 2019, p. 46).

Nesse sentido, a ideia de uma comissão permanente que possa pensar justamente em ações afirmativas e demais propostas que busquem propiciar essas mudanças mencionadas por Kilomba (2019) parece ser um caminho possível e necessário para que se dê seguimento às ações até então realizadas. Essa comissão pode assumir um caráter de cuidado e de vigilância para com essa temática dentro da instituição, a fim de driblar o racismo estrutural e os silenciamentos que advêm desse cenário.

Referências

- Bento, M. A. S. (2014). Branqueamento e Branquitude no Brasil. In *Racismo Institucional: Fórum de Debates – Educação e Saúde*. Recuperado em 20 jun. de 2023, de <https://www.nupad.medicina.ufmg.br/arquivos/acervo-cehmob/foruns/racismo-institucional/Caderno-Racismo.pdf>
- Fanon, F. (2020). *Pele negra, máscaras brancas*. São Paulo: Ubu Editora (Trabalho original publicado em 1952)
- Freud, S. (1996). O Ego e o Id e outros trabalhos. In: S. Freud, *Edição standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (vol. XIX). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1923-1925)
- Gilroy, P. (1987). *There ain't no black in the Union Jack: the cultural politics of race and nation*. London: Hutchinson.
- Kilomba, G. (2019). *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. São Paulo: Cobogó.
- Nogueira, I. B. (2017). Cor e inconsciente. In N. M. Kon, M. L. da Silva, & C. C. Abud (Orgs.), *O racismo e o negro do Brasil: questões para a psicanálise* (pp. 121-128). São Paulo: Perspectiva.
- Twine, F. W., & Steinbugler, A. (2012). The gap between whites and whiteness: interracial intimacy na racial literacy. In: Schucman, L. V. *Entre o “encardido”, o “branco” e o “branquíssimo”: raça, hierarquia e poder na construção da branquitude paulistana*. Tese de Doutorado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo. (Trabalho original publicado em 2006)